

I.5 VEGETAÇÃO E FAUNA

Originalmente, a floresta tropical atlântica, com sua exuberância e heterogeneidade, recobria toda a faixa costeira do Estado. Atualmente, supõe-se que alguns poucos remanescentes dão indicação dessa vegetação primária, ocorrendo, em geral, matas secundárias de extensão e estágios sucessionais diversos, distribuídos de forma esparsa por toda área do Litoral Sul de Pernambuco. Localizam-se, via de regra, nos topos e encostas dos morros do Cristalino e de algumas colinas das Formações Cabo, Ipojuca, Algodois e Barreiras.

Segundo os critérios estabelecidos pela Resolução CONAMA no. 31/94, a flora dessas matas encontra-se em diferentes estágios de regeneração, apresentando, em cada um desses estágios, a seguinte composição:

- *Estágio inicial de regeneração*: imbaúba, favinha, murici, sambaquim, cabatan-de-rego, mutamba, angélica, espinheiro, imbirá-vermelha, cupiúba, periquiteira, paquevira, mata-pasto, tiririca e urtiga-branca.
- *Estágio médio de regeneração*: sucupira, ingá-porco, mamajuba, camaçari, imbiriba, ingá, taquari, cupiúba, sambaquim, amescla, paquevira e banana-de-macaco.
- *Estágio avançado de regeneração*: visgueiro, urucuba, gameleira, mamajuba, sucupira, camaçari, maçaranduba, praíba, sambaquim, pau-d'arco-amarelo, louro, amarelo, oiti-da-mata, ingá-porco, amescla, pau-sangue, gararoba, cumaru-da-mata e munguba.

Como remanescentes mais expressivos e conservados, é possível destacar:

- *As Matas do Engenho Murim*, localizadas na porção oeste do município de São José da Coroa Grande, próximo à sede do Engenho Murim. Recobrimo testemunhos da Formação Barreiras, essas matas contribuem para a captação de água subterrânea e abrigam nascentes que, provavelmente, desempenham importante papel no caráter perene do riacho Meireles. Pela sua extensão e estado de conservação, constituem provável área de refúgio de fauna.
- *As Matas da porção noroeste do município de Barreiros*. Ocupam morros de até 140 m de altitude, declividades acentuadas e onde devem localizar-se áreas de nascentes, contribuindo, assim, para a proteção do solo e manutenção dos recursos hídricos, além de constituírem provável área de refúgio de fauna;
- *A Reserva Biológica de Saltinho e a Mata de Pau Amarelo*. Localizam-se no limite dos municípios de Tamandaré e Rio Formoso. A proximidade entre essas matas sugere a necessidade de união das mesmas, com o objetivo de ampliar a proteção do solo, a manutenção dos recursos hídricos e o refúgio da fauna nessa área.
- *As Matas do Engenho Changuá* localizadas a noroeste da cidade de Rio Formoso próximo a sede do Engenho de mesmo nome. Ocupam provável área de nascentes e constituem refúgio de fauna.
- *As Matas entre o Engenho Camaragibe e a PE-060*. Localizam-se a noroeste da cidade de Sirinhaém (próximo a PE-064) e a sudeste de Camela (próximo a PE-060). Situando-se em área caracterizada pelo predomínio de declividades acentuadas e pela existência de vários riachos perenes, sobretudo a sudeste de Camela, essas matas contribuem para proteção do solo, a manutenção dos recursos hídricos e o refúgio da fauna.
- *As Matas do Zumbi, Duas Lagoas e Camaçari*, localizadas próximo ao litoral do Cabo de Santo Agostinho e definidas, legalmente, como Reservas Ecológicas. Encontram-se em área de captação de água subterrânea e contribuem para a manutenção dos mananciais que abastecem parcialmente a porção sul da Região Metropolitana do Recife. Está em execução, pela administração do Porto de Suape, um projeto de recomposição das áreas degradadas entre as matas do Zumbi e Duas Lagoas, com o objetivo de formar corredores ecológicos entre esses e outros remanescentes, o que propiciará a ampliação do potencial da área para refúgio de fauna.

Outros testemunhos de Mata Atlântica do Litoral Sul de Pernambuco definidos, legalmente, como Reservas Ecológicas localizam-se total ou parcialmente no município do Cabo de Santo Agostinho. São as *matas do Sistema Gurjaú, da Serra do Cumaru, de Contra Açude, de Bom Jardim, da Serra do Cotovelo e do Urucu*. Situam-se em área de declividade acentuada, de recarga de rios e em faixa limítrofe de reservatórios de água, favorecendo, assim, a preservação do solo, do relevo e do sistema hidrográfico.

Embora os remanescentes de Mata Atlântica acima citados destaquem-se entre os existentes na área, faz-se necessário ressaltar que a grande maioria desses e de outros remanescentes menos expressivos, tem sido atingida pela prática de queimadas para o cultivo da cana-de-açúcar, pela expansão das áreas policultoras, pela retirada indiscriminada de madeira e lenha e pela expansão imobiliária desordenada. Além disso, o desflorestamento em áreas de cabeceiras e de declividades superiores a 30%, concorre para a desproteção das nascentes e exposição dos solos à erosão, tendo, ainda, como consequência o assoreamento dos rios, riachos e reservatórios da área.

Um outro tipo de remanescente da Mata Atlântica encontrado na área está constituído pela vegetação peculiar das restingas que, outrora, ocupava a faixa de solos arenosos dos Terraços Marinhos, paralelos à costa e encontra-se restrita, nos dias atuais, a trechos reduzidos dos mesmos. Nesses remanescentes, ao lado de algumas leguminosas, destacam-se o cajueiro, o angelim, o louro, a mangabeira, o oiti-da-praia (ANDRADE & LINS, 1984, p.65). Como remanescentes mais expressivos da categoria assinalam-se as matas de restinga das praias de Guadalupe (Sirinhaém), de Maracaípe, da Gamboa e da Fazenda Merepe (Ipojuca) e ao norte da praia de Itapoama, próximo ao estuário dos rios Pirapama-Jaboatão (Cabo de Santo Agostinho). A ocupação urbana desordenada tem sido o principal fator impeditivo da preservação desses remanescentes.

No litoral Sul de Pernambuco, o avanço dos desmatamentos, acentuando o processo de fragmentação dos remanescentes e a caça indiscriminada praticada, principalmente, em testemunhos localizados próximo às áreas de assentamentos rurais e aglomerados urbanos, podem ser apontados como alguns dos fatores que ameaçam à sobrevivência da fauna nessa área (TABARELLI, 1999, p. 6).

Um outro ecossistema associado à Mata Atlântica é o constituído pelos manguezais que apresentam-se relativamente conservados e situam-se em extensas faixas marginais dos trechos terminais dos principais rios da área. Ocupam terrenos baixos e argilosos, sujeitos ao fluxo constante das marés, onde são encontradas, em geral, as espécies mangue vermelho, mangue branco e mangue canoé. Associada à vegetação, ao solo e às características hídricas dos estuários, existe uma fauna típica, bastante diversificada, composta de várias espécies de crustáceos, moluscos e peixes (BRAGA, 1994, p. 2), cuja captura desempenha importante papel na sobrevivência das populações locais. Além da pesca artesanal, outra forma de utilização desse ecossistema é a instalação de viveiros para criação de peixes e camarões.

A retirada de madeira e lenha, o corte do mangue para instalação e ampliação de viveiros, o aterro para construção de moradia em consequência da ocupação urbana desordenada, a poluição dos estuários, a pesca predatória e a exploração descontrolada da fauna estuarina são alguns dos fatores que contribuem para a redução do estoque pesqueiro e comprometem a função ecológica e social dos manguezais.